SENTIMENTOS SOBRE AS PRIMEIRAS PRÁTICAS DO ESTAGIÁRIO NA CLÍNICA

Loiva Nazarete Pacheco de Araújo[1]
Cristine Boaz[2]

Resumo: Este estudo se refere a um relato de experiência sobre o início do estágio e as primeiras práticas na clínica, de uma das autoras, visando a refletir sobre os sentimentos iniciais a respeito de sua condição de estagiária. O método utilizado foi a narrativa da exposição das vivências, embasadas, e posteriormente discutidas, através de revisão da literatura sobre o tema, possibilitando contextualizar dificuldades, dúvidas e ansiedades do período de estágio, bem assinalando a importância da supervisão.

Palavras-chave: Estagiário. Prática Clínica. Primeiras práticas.

INTRODUÇÃO

A Profissão de psicólogo foi regulamentada pela lei n° 4119, de 27 de agosto de 1962, sendo determinado que cada curso de Psicologia deve ser organizado de forma que responda à prática de ensinamentos obtidos, através das disciplinas de graduação, sob a supervisão docente (Antunes, 2005). Para Curi (2009), o estágio se conceitua propriamente como uma construção de teoria, prática e supervisão, que deverá promover condições do aluno encontrar formas de entendimento acerca do sofrimento humano, ou como coloca Gromann (2005): "compreender o sofrimento humano em sua mais profunda expressão: desde a compreensão ética de seu trabalho até a práxis e a sua técnica" (p. 3).

De acordo com Silva (1999), os estágios supervisionados servem como preparação para o mercado de trabalho. Se a teoria é importante, a prática se torna fundamental, sendo que os estágios supervisionados integram, obrigatoriamente, os cursos profissionalizantes como parte da atividade curricular, e não apenas como complemento.

Os estágios supervisionados são para os estudantes a ocasião de inclusão em ambientes inovadores e estados de identidade, nos quais é articulada teoria e prática, vivência fundamental na ampliação e solidificação de distintas capacidades esperadas de um formando em Psicologia (Oliveira-Monteiro & Nunes, 2008).

[1] Acadêmica de psicologia, Universidade Luterana do Brasil, ln.araujo@terra.com.br.
[2] Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica pela PUCRS, psicristineboaz@hotmail.com.

A primeira parte, abordada no início do curso de cinco anos, é fundamentalmente teórica, e a segunda, referente aos dois últimos anos, caracterizada por disciplinas mais técnicas e pelo estágio. O estágio é, por definição, não apenas parte da formação, mas condição necessária no caminho profissional do aluno. Para Silva (1999), o aluno, durante longo período, foi capaz de aprender o que lhe foi transmitido; no momento do estágio, existe a exigência que ele interprete e analise esse conteúdo na prática, o que é um momento de verdadeira transformação: ele já não é mais apenas aluno, entretanto, também ainda não se caracteriza como profissional formado, o que pode desencadear temores de ineficácia frente ao seu desempenho como estagiário e como profissional.

Haley (1998) afirma que, na integração da teoria e da prática, uma depende da outra, incluindo então o papel da supervisão para um resultado positivo, porque o aprendizado não contempla somar um conjunto de habilidades, uma vez que o principal instrumento desse trabalho é o próprio terapeuta, que por vezes pode mostrar-se falho, aparecendo então a importância crucial da psicoterapia pessoal e a supervisão.

Historicamente, a supervisão em psicanálise e em psicoterapia psicanalítica compreende análise didática daquele em formação, presença em seminários teóricos e o atendimento de paciente, três atividades, conhecidas como pilares fundamentais do aprendizado e denominadas tripé da formação de um psicanalista ou de um psicoterapeuta de orientação psicanalítica (Zaslavsky; Nunes; Eizirik, 2003).

Durante todo o período de estágio, de acordo com Aguirre (2000), muitos serão os momentos em que a ansiedade retornará, exigindo discussão e novos esclarecimentos. Esta seria uma das funções da supervisão e costuma trazer um pouco de conforto ao estagiário. Qualquer situação no início tende a envolver ansiedade e traduz expectativas criadas diante do desconhecido, sendo que este manejo não serve apenas para reassegurar o aluno, mas também, uma preparação para que esse possa lidar com a ansiedade inevitável dos pacientes diante do atendimento. Entretanto, se o estagiário conseguir aceitar entrar em contato com suas próprias ansiedades, provavelmente acolherá as do paciente, uma vez que esse acolhimento representa reconhecer também angústias que o paciente não esteja conseguindo expressar.

Para Franco (2001), durante a formação acadêmica, o estudante de psicologia poderá viver momentos de aflição pela carga emocional apresentada pelo próprio curso. Nos últimos anos do curso, os estágios e o contato com pacientes podem originar aumento significativo

nas expectativas, oriundas das exigências que esse período apresenta, impondo uma postura profissional e a integração da teoria com a prática, explicitando assim a condição de que, tanto na teoria, como na prática, existem fatores que podem desencadear angústias e conflitos associados à história de vida de cada aluno.

Poder contar com supervisor e colegas pode ocasionar vivência reconfortante e gratificante para o estagiário, tornando-se fundamental a construção de um espaço onde haja tolerância, parceria e o apoio entre todos, uma vez que a profundidade da ansiedade vai se ajustando na medida em que os aspectos que despertam maior tensão vão sendo compreendidos e esclarecidos pelos estagiários (AGUIRRE, 2000).

A perspectiva dos alunos ao iniciarem o estágio é, para Sá, Leite e Leite (2010), geralmente, relevante. Somado com a elevada expectativa pela experiência do envolvimento direto com a prática, esta, quase sempre, gera ansiedade, motivada por medos e fantasias em relação ao encontro clínico e com o fato de defrontar-se com a supervisão. Há uma apreensão que culmina na tentativa de suprir a demanda do atendimento, de saber antecipadamente o que deverá ser realizado. Entretanto é impraticável qualquer garantia do que vai ocorrer no momento que estagiário e paciente encontrarem-se, uma vez que a relação que se estabelecerá não poderá ser abreviada, apenas vivenciada por ambos.

De acordo com a literatura revisada, percebe-se que as primeiras práticas na clínica podem trazer à tona sentimentos e sensações experimentadas pelos estagiários, frente ao início da necessidade de concretizar o embasamento teórico na prática, que se contextualizará mediante o estar frente a frente com o paciente, na condição de psicólogo em formação. As primeiras práticas, de certa forma, convidam o estagiário então a um desacomodar-se frente ao novo e, a partir desse momento, este atuará tentando percorrer o campo da subjetividade de seu paciente como forma de construção da prática de seu saber.

Diante da importância do tema para a área de atuação, uma vez que as primeiras práticas clínicas marcam o início da formação profissional de um psicólogo, esse estudo objetiva refletir sobre o início dessa prática.

1 RELATO E DISCUSSÃO TEÓRICA SOBRE AS PRÁTICAS INICIAIS DO ESTÁGIO CLÍNICO

Com início do estágio na clínica-escola no ano de 2012, uma das autoras sentiu que seus primeiros atendimentos trouxeram um desacomodar, configurando-se em um processo que ora se apresentava como desafio, ora como exigência que parecia ter como propósito jogá-la em um mundo repleto de incertezas.

Nas primeiras semanas, os estagiários ficavam em volta de uma mesa que não comportava todos ao mesmo tempo. Mas eles se espremiam uns ao lado dos outros, espalhando sorrisos, traduzindo a percepção de que estavam unidos, na medida em que os dias transcorriam e aguardavam seus primeiros atendimentos. Sabiam que era preciso dar início à formação prática, uma vez que a teórica já havia durado muitos anos, e muitas horas de suas vidas. Agora, a autora estagiária percebia o grupo ali tão presente e forte; ao mesmo tempo, com tanto a questionar, uma vez que teriam os estagiários que lidar, não mais com textos longos, cobrados em provas, mas com um sujeito real, que traria suas angústias na forma distorcida do sintoma e caberia aos estagiários, alunos em formação, buscar a decodificação da linguagem do paciente, para juntos - estagiário e paciente - decifrar um pouco dos enigmas e do sofrimento do paciente.

Gabriades (2008) mostra que docentes orientadores ou supervisores da prática clínica observam que ocorrem "crises de identidade" neste momento de passagem para a vivência profissional, precisando remeter o estudante para a dinâmica de suas elaborações, referente às experiências estagiários/terapeutas, de seus sentimentos, e expectativas em relação a essa nova etapa. E, conforme Ribeiro (2008), o que impera no estagiário são produções imaginárias que se referem de forma significativa e profunda ao encontrar-se com o outro, uma vez que, anteriormente, o estagiário estava em um lugar prioritariamente seu para voltar-se para um lugar onde o outro atuará em primeiro plano.

Para auxiliar na elaboração desses estados, favorecidos pela inexperiência e por fantasias acerca do papel de psicólogo, o papel dos professores/supervisores pode funcionar como pessoas de apoio. Nesse sentido, supervisores podem ser avaliados de forma muito positiva, pois acolhem estados de insegurança dos alunos/estagiários, característicos da passagem do início da formação da identidade profissional (OLIVEIRA-MONTEIRO; NUNES, 2008).

Na medida em que os atendimentos começaram, ocorreu também a percepção de que seria maravilhoso ser a estagiária perfeita, ter a palavra certa na hora certa, o silêncio inteligente e adequado, o respeito à ética, o direito do paciente sorrir, principalmente, se fosse

criança, e nada respondesse à estagiária, como se nada tivesse escutado; ou quem sabe, não gostaria de ter escutado, ou ainda não pode responder porque também procura a mesma resposta que a estagiária não tem, e se tem também ainda não sabe se pode lhe dar, e talvez nem a tenhamos, porque é provável que nosso trabalho consista em facilitar e fortalecer seus recursos, para que ele mesmo ache suas respostas. Mas a perfeição e a idealização fazem, em alguns momentos, um cortejo ao ego do aprendiz, que, em plena transição de estudante para a vida de profissional, navega entre o sonho de ser perfeito e o horror de errar em demasia, traduzindo-se em uma gama de defesas, utilizadas pelos estagiários na urgência de enfrentar o desconhecido.

De acordo com Aguirre (2000), é fundamental atitude ativa no processo e não absorção passiva dos processos aprendidos; é necessário que exista o sentido, sendo importante para o estagiário a constante reflexão sobre as suas dificuldades. Para a autora, é comum nesse início de vida profissional o medo de que o paciente abandone o tratamento, o que poderia aumentar seus sentimentos de insegurança. A autora ressalta ainda que o aluno tem fantasias e expectativas, manifestas ou latentes, quanto ao paciente, ao seu papel, bem como de seu grupo e de seu supervisor. Estas expectativas irão, a partir da prática supervisionada, tornando-se menos idealizada, e possibilitando a internalização do papel do psicólogo, e a aquisição de uma identidade profissional.

Um dia, durante o atendimento de uma criança, a estagiária autora encontrou-se muito distante daquela, como se fosse impossível visitar a sua história e se inteirar de suas dificuldades, que se manifestavam em isolamento grande demais para sua tenra idade. Quando ela sentou e disse que não havia necessidade de a estagiária autora sentar e participar de seu jogo, talvez a criança quisesse acenar de que ali naquele encontro preferia o silêncio. Isso foi aceito porque não havia a certeza do que seria o mais correto, se aceitar sua solidão, ou interpretar seu pedido. A estagiária autora optou por não dizer nada. Contudo, qualquer que fosse sua atitude, seria um ato que lhe causaria sensação de não saber e, mais sério do que isso naquele momento, do que o não saber era o não permitir não saber a ela, estagiária. O não se permitir tende a uma culpa fantasmática que insiste em rodear os estagiários, mesmo sem que saibam o que os incomoda, como se o paciente tivesse poderes de levar o estagiário, em algumas sessões, rapidamente, do paraíso ao inferno interior.

Para Ribeiro (2008), a preocupação dos estagiários não seria a de que seus pacientes não correspondam aos casos estudados, mas de que seriam reprovados em suas primeiras

atuações na clínica, sendo possível para eles a existência de um terapeuta *expert*, no qual certamente eles não corresponderiam.

A supervisão dos atendimentos clínicos visa, segundo Aguirre (2000), buscar a promoção do reconhecimento e, simultaneamente, a continência das ansiedades do estagiário relacionadas à condição de atendimento. A supervisão, para o autor, é acolher e orientar, favorecendo o aprendizado através da compreensão de aspectos latentes e manifestos presentes. Mesmo que o supervisor possa, em alguns momentos, representar um modelo idealizado com o qual o estudante rivaliza, ou do qual tem muito receio, este pode ser percebido como um profissional cuja experiência o estagiário poderia contar para lhe dar crédito no atendimento e continência de suas incertezas. Ainda para a autora, o desenvolvimento de uma atitude clínica se reflete em uma experiência subjetiva que é priorizada na relação com o paciente. Trata-se, portanto, de uma representação de um fenômeno complexo interno, na proporção em que muitas variáveis fazem a sua composição como o conhecimento teórico, as diversas identificações, fantasias sobre o papel do psicólogo, as possibilidades de experimentação e a capacidade de conter as ansiedades e de conservar os limites de sua identidade no contato com o outro. A empatia com o paciente implica se colocar no lugar deste, sem, contudo, confundir-se com ele, sendo tarefa do supervisor contribuir para esta diferenciação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vivências dos primeiros atendimentos causaram à estagiária autora a percepção, na maioria das vezes, de que seus sentimentos estavam travestidos de sentimentos habituais às pessoas, mas que agora eclodiam de forma desordenada para ela, causando, em alguns momentos, o que a literatura aponta como uma crise de identidade momentânea. Havia uma identidade profissional, a ser construída, uma nova postura frente às várias questões que norteiam as mais diversas formas de contemplar as condutas do outro, e tudo estreitamente ligado a uma ética, em que no momento que esta falhar, falha a técnica e falha todo o objetivo. Se a sociedade muda e evolui constantemente, a ética deverá estar presente de forma permanente, sendo fundamental argumentar também que a Psicologia anda lado a lado com as mudanças, uma vez que tratará de trilhar com o outro, trabalhando tentativas de adaptação

constantes, que acompanham a vida do paciente, trazendo novos desafios, e também novas adaptações a cada grupo de estagiários.

Entretanto, nada poderá inibir o sofrer psicológico dos estagiários e, nessa adaptação no início do estágio, a inevitabilidade do sofrer torna-se impossível de ser totalmente contida, e marca o início de uma nova fase. Evitar os sentimentos contraditórios que muitas vezes invade os estagiários, seria como estar apenas anestesiados sem nunca estar realmente preparados para a tarefa clínica.

Então, o estágio é a condição que vai se avizinhando ao longo do curso de Psicologia, aquela que permitirá ao estagiário caminhar sozinho no futuro. A autora estagiária compara a fase inicial mais sofrida do estágio com aquela, dolorosa e necessária, da adolescência. Nesse momento evolutivo, os estagiários se debatem entre projeções, fantasias, negações e idealizações, sabendo que é impossível o retorno ao antes. Os nossos colegas são o grupo de iguais, os supervisores são os pais, que precisam deixar o estagiário ir, errar, corrigir. Faz-se necessário o supervisor provocar, orientar fazer pensar e refletir, para que só então o estagiário possa buscar sua própria identidade profissional.

FEELINGS ABOUT THE TRAINEE'S FIRST PRACTICES AT THE CLINIC

Abstract: This study refers to the report of an experience on the early training and clinical practice of one of the authors aiming at a discussion about initial feelings regarding of one of the authors, in the condition of a trainee. The method was the narrative of the experiences based and discussed concerning the literature about the theme, which enabled to situate difficulties, doubts and anxieties Durant the training period, as well as emphasizing the importance of supervision.

Keywords: Trainee. Clinic Practice. First Practices.

Referências

AGUIRRE, Ana Maria. **A formação da Atitude clínica no estagiário de psicologia**. v. 11, n. 1, p. 49-62. Dissertação de Mestrado. USP, São Paulo, 2000.

AGUIRRE, Ana Maria. A primeira Experiência clínica do aluno: Ansiedade e fantasias presentes no atendimento e na supervisão. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 3-31, 2000.

ANTUNES, Mitsuko. **A Psicologia no Brasil**: leitura histórica sobre sua constituição. São Paulo: Unimarco, 1998, 1998, 4. ed, 2005.

CURI, Paula. **Método clínico**: uma reflexão sobre a prática da supervisão, 2009. Disponível em: <http://www.fundamentalpsychopathologyorgqmaterial/coloquiometodoclinico/MR/MR1 1.2>. Acesso em: ago, 2011.

FRANCO, Sandra. Estudantes de Psicologia, eficácia adaptativa e a psicoterapia como medida preventiva em saúde mental. **Mudanças – Psicoterapia e Estudos Psicossociais**, São Paulo, v. 9, n. 16, p. 41-63, 2001.

GABRIADES, Rita. **O significado da experiência dos primeiros atendimentos clínicos para os estagiários de um curso de psicologia de uma universidade particular na cidade de São Paulo.** Dissertação de Mestrado. PUC, São Paulo, 2008.

GROMANN, Regina. A clínica Escola. **Editorial da Pulsional Revista de Psicanálise**, São Paulo, número especial, p. 3-6, 2005.

HALEY, Jay. **Aprendendo e ensinando terapia**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

OLIVEIRA-MONTEIRO, Nancy; NUNES, Maria Lucia Tiellet. (2008). Supervisor de psicologia clínica: um professor idealizado? **Psico-USF**, v. 13, n. 2, p. 287-296.

RIBEIRO, Diana; TACHIBANA, Miriam; AIELLO-VAISBERG, Tania. A experiência emocional do estudante de psicologia frente à primeira entrevista clínica. **Aletheia**, n. 28, p. 135-145, 2008.

SÁ, Roberto; LEITE, Odilton; LEITE, Thais. Reflexões fenomenológicas sobre a experiência de estágio e supervisão clínica em um serviço de psicologia aplicada universitário. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 16, n. 2, p. 135-140, 2010.

Silva, Maria. O aluno de Psicologia Frente ao Desafio do Estágio. **Psicologia: Docência & Pesquisa**, p. 27-36, 1999.

ZASLAVSKY, Jacó; NUNES, Maria Lucia Tiellet; EIZIRIK, Claudio Lacks. (2003). A supervisão psicanalítica: revisão e uma proposta de sistematização. **Revista de Psiquiatria do RS**, 25 (2), 297-309.